

## **Participação em Grupos de Convívio e o Turista Idoso**

**Alessandra Silva Carvalho<sup>1</sup>**

**Maria do Rosário Rolfsen Salles<sup>2</sup>**

### **Resumo**

A notória mudança no perfil demográfico do planeta que passou a contar com um contingente maior de idosos vêm suscitando o interesse de diversos campos do conhecimento. Neste sentido, este trabalho pretende refletir sobre a relação que se estabelece entre a participação de idosos em grupos de convívio e o desenvolvimento de atividades turísticas, a partir dos resultados da pesquisa sobre esse tema que resultou numa dissertação de Mestrado. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica e seguida de pesquisa de campo, com a aplicação de um roteiro semi-estruturado a idosos participantes de grupos de convivência, e utilizando da análise de conteúdo. Os resultados apontaram para o papel positivo dos grupos de convivência nas decisões sobre as viagens e a prática do turismo entre os turistas da chamada terceira idade, bem como indicaram desdobramentos importantes sobre o papel relevante dessas atividades para a sociabilidade entre estes indivíduos.

**Palavras-chave:** Turismo. Envelhecimento. Grupos de convívio.

---

<sup>1</sup> Universidade Anhembi Morumbi. Estácio UniRadial.

<sup>2</sup> Universidade Anhembi Morumbi.

## **Introdução**

O envelhecimento populacional e a conseqüente mudança na estrutura etária da população mundial têm sido amplamente discutidos sob diversos aspectos. Dados da Divisão de População da ONU (2000) indicam que no ano de 1999 a população maior de 60 anos representava 10% na demografia do planeta e a expectativa para o ano de 2050 está projetada para alcançar 22% explicitando o aumento progressivo da população idosa.

No Brasil, atualmente, cerca 10% da população está acima de 60 anos, o que representa mais de 18 milhões de pessoas. Esse número é três vezes maior que em 1970 e as projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que haverá o aumento para 32 milhões de pessoas em 2020, o que colocará o Brasil na 6ª posição em número de idosos no planeta (IBGE, 2008).

No estado de São Paulo, segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), a quantidade de pessoas idosas no Estado ultrapassa quatro milhões, o que equivale a 10,7% da população estadual, as projeções da fundação demonstram que esse número poderá ultrapassar sete milhões de pessoas. Já na capital do estado, maior município brasileiro, estima-se que já exista cerca de um milhão de pessoas maiores de 60 anos, em números absolutos, representa a maior população idosa do país (SEADE, 2009).

De modo que, a velocidade no aumento da faixa etária maior de 60 anos, aliada à concepção do idoso como segmento de mercado, provocou o surgimento da oferta de produtos e de serviços direcionados para esta parcela da população em diversos setores, o que não é necessariamente sinônimo de conhecimento das particularidades deste público ou compreensão de suas necessidades.

O fato é que há um movimento de preparação para um novo contingente de idosos, não apenas por seu significativo aumento em números, mas, principalmente, por seu novo perfil, comumente dito como ‘ativo e saudável’, vem daí, inclusive, a denominação de ‘Melhor Idade’, em oposição à idéia pejorativa de velhice, sobre o que disserta Peixoto (1998, p. 81)

[...] terceira idade designa principalmente os “jovens velhos”, os aposentados dinâmicos como a representação francesa. E não é por acaso que surge um novo mercado para a terceira idade: turismo, produtos de beleza e alimentares, novas especialidades profissionais, gerontólogos, geriatras, etc. A Terceira Idade passa

assim a ser uma expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. De fato, essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande.

Ainda que seja questionável a maneira como o envelhecimento vem sendo tratado em diferentes âmbitos, é evidente a curiosidade em relação ao envelhecimento, já que mais cedo ou mais tarde, a tendência é que faixas mais amplas da população cheguem a ela, havendo, portanto, o desejo compreensível de vivê-la bem, face às dificuldades comumente relacionadas ao envelhecer.

Neste contexto de aprendizagem sobre como viver bem a velhice, observa-se que aqueles que já se encontram idosos têm manifestado formas de se organizar em grupos para, em conjunto, entender e “enfrentar” esta fase da vida, por meio de associações, clubes, instituições de ensino, entre outros, observando-se que os grupos de convivência multiplicam-se pelo mundo.

Corroborando com Dumazedier (1994) quanto à amplitude e a diversidade do fenômeno do envelhecimento, concorda-se que esse processo está suscitando na sociedade um movimento de aprendizagem sobre uma nova categoria de idade que questiona os paradigmas correntes sobre essa fase como a fase terminal da vida e entende que é preciso conhecer as formas próprias de sociabilidade e auto-organização dessa faixa de idade.

Diante do exposto, neste trabalho, pretende-se explorar a relação entre a participação em grupos de convívio da terceira idade e as atividades turísticas, detectando as motivações para a realização de viagens para os idosos entrevistados, a partir de pesquisa de caráter qualitativo, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas.

### **Grupos de Convívio da Terceira Idade**

Os grupos de convivência da terceira idade representam um tipo de organização particularmente interessante por apresentar-se como uma manifestação da faixa etária em questão, no sentido de buscar alternativas para viver melhor esta etapa da vida, buscando soluções para os problemas que atingem a velhice e visando integração ao meio social, além do atendimento às outras diversas necessidades.

Entendendo que durante o processo de envelhecimento há uma perda de papéis sociais, consequência da falta de compromissos formais, ocasionada pela saída do mercado de trabalho, pelo advento da aposentadoria, pelo término de obrigações civis e, em muitos casos, também familiares. O cenário que se tem é relacionado à solidão, que pode gerar algum tipo desconforto mental e psicológico. Quando, na verdade, o aumento do tempo livre nesta faixa etária poderia ser canalizado para uma nova concepção e reorganização da vida.

Dumazedier (1994, p. 137) discorre sobre o papel dos grupos de terceira idade como espaço onde

[...] se tecem com frequência redes de sociabilidades fortes, frequentemente mais espontâneas que aquelas que a necessária divisão do trabalho impõe. Estes grupos não são mais enriquecedores nem criativos que muitos ateliês e escritórios, mas observa-se seu papel provável contra o isolamento social, o desencorajamento, a depressão, em favor de uma socialidade viva necessária a toda e qualquer sociedade.

Diante do exposto, a participação em grupos de convívio pode ser uma atenuante do tédio decorrente do tempo livre na aposentadoria, mas não é apenas isso, a participação nestes grupos pode ser interpretada como desejo de sociabilidade, de conviver com outras pessoas que, talvez, estejam vivendo anseios similares.

Uma vez que o indivíduo encontre um grupo de pessoas com interesses semelhantes, estabelece-se um vínculo afetivo que aguça o interesse pela participação na vida em sociedade, seja para a diversão ou para a ampliação da cultura. O indivíduo terá, então, condições para entender melhor sua posição na sociedade (PAULI, 2001, p. 33-34)

Observa-se a relevância do interesse em dar continuidade a uma vida social ativa na velhice pelos próprios velhos, o que pode acontecer junto ao mercado de trabalho ou a outro tipo de atividade coletiva, como proposta pelas universidades abertas da terceira idade, pelos clubes, pelos grupos de convívio, pelas instituições religiosas, entre outras. Isso revela que, de fato, o que se deseja é manter contato com a sociedade e fugir do estereótipo de exclusão e isolamento, além de desenvolver aspectos de ordem cognitiva e afetiva.

Diogo (1999) afirma que o convívio social é importante em qualquer idade, mas que assume especial relevância durante a velhice e as atividades de lazer e turísticas favorecem a prevenção do isolamento e da solidão, além de estimular a imaginação, a ação e a recordação.

As novas características da chamada Terceira Idade fizeram com que os “jovens idosos” formassem um grupo à parte, conforme Pauli (2001, p. 43) “A mudança de comportamento dos idosos desempenha um papel fundamental na construção de uma outra

imagem que simboliza a liberdade e o lazer e também uma imagem de pessoas joviais, que podem usufruir e participar de atividades sociais.”

A imposição das qualidades do tempo do trabalho na sociedade moderna faz com que o indivíduo negligencie as qualidades do tempo do lazer ao longo da vida adulta, fazendo com que na velhice esta falta de cultura para o lazer se torne um obstáculo à aceitação e ao regozijo do tempo livre.

Desse modo, as atividades de lazer podem representar a oportunidade de estabelecer atitudes em relação à sociedade em que o idoso se encontra. A realização de atividades de lazer estimula o indivíduo a compartilhar experiências coletivas, que podem promover seu desenvolvimento pessoal e social.

### ***Particularidades da viagem para o idoso***

Ter um propósito e esforçar-se para atingir metas dá sentido à vida e está atrelado a aspectos importantes tais como sobrevivência e o desejo de viver; enquanto a sensação de vazio existencial, a ansiedade, a depressão, a falta de esperança, o declínio da capacidade física, são sintomas de falta de sentido (FREIRE; RESENDE, 2001). Partindo desta idéia, é possível a interpretação de que o desejo de viajar represente um propósito, uma meta a ser alcançada que impulsiona o sentido de vida na velhice.

Dumazedier (1994) chama a atenção para o lazer nas diferentes fases da vida, acentuando a questão do tempo livre proposto pela aposentadoria, o diferencial para a atualidade consiste na ampliação do número de idosos que chegam a faixas etárias mais avançadas em melhores condições de vida.

Atualmente os indivíduos chegam aos 60 anos de idade em condições bastante distintas daquelas de algumas décadas atrás, no que se refere à qualidade de vida. Os avanços da medicina, as inovações tecnológicas, a melhoria e a ampliação dos sistemas de infra-estrutura básica e a melhoria das condições de trabalho ao longo da “vida produtiva”, dentre outros fatores, propiciaram aos indivíduos, hoje, chegarem à aposentadoria em uma situação pessoal e material mais satisfatórias que a de seus pais (FROMER; VIEIRA, 2003, p. 29-30).

Cabe aqui colocar que, em geral, os idosos que se enquadram neste panorama são aqueles descritos como pertencentes à Terceira Idade e que tem adotado novos padrões de comportamento, próximo do que Debert (1999) chama de reinvenção da velhice. Salienta-se

que os idosos mais velhos, categorizados como Quarta Idade, têm menor participação neste cenário.

Krippendorff (2000), quando trata sobre motivação da viagem propõe componentes como motivacionais para as atividades turísticas que são, particularmente, observados nos turistas idosos, a saber: compensar integrar socialmente; fuga-trabalho; comunicar-se; liberdade e autonomia; descoberta de si; ser feliz; alargar horizontes.

Ainda sobre fatores que impulsionam o lazer e o turismo no envelhecimento Araújo (2004) coloca que merece destaque o aumento de profissionais interessados na questão do lazer para esta idade, a disponibilidade de tempo livre da faixa etária e a evolução de tecnologias dos transportes.

Por outro lado o mesmo autor coloca como fatores inibidores: os estereótipos da velhice, tanto da sociedade como dos próprios indivíduos velhos, que dificultam a assimilação das mudanças do envelhecimento; o despreparo para o lazer, originados com a confusão entre os significados de ócio e de lazer; a aceitação da capacidade produtiva como centro do indivíduo; e a classificação do lazer como bem de luxo.

Entretanto, Camargo (1998) apresenta a existência de preconceitos que podem impedir o gozo do tempo livre com o lazer e que causam faltam de interesse na realização de viagens está intimamente ligado ao ideal capitalista de produção. Doll (2007) também discute os fatores inibidores na realização das viagens, segundo a autora eles estão pautados na falta de dinheiro, seguido da preocupação com a saúde e, também, da falta de hábito e educação para o tempo livre.

A variável relacionada ao preço pode interferir na inclusão do idoso no segmento turístico, dada às condições de aposentadoria da maioria dos aposentados brasileiros, preço acessível é condição facilitadora da disseminação de vendas. Isto demonstra a relevância de programas de financiamento e incentivo para viagens de baixo custo, e da educação para o lazer ao longo da vida (e não apenas na idade idosa), a fim de criar novos estilos de vida, com maior liberdade de escolha e menor espaço para preconceitos.

Segundo Salgado (1991) deve ser desenvolvido uma nova maneira de planejar a vida, para que o idoso possa encarar a velhice como mais uma etapa da vida, onde devem ter novas

ocupações, preocupações e anseios. Entende-se que as viagens encaixar-se-iam neste pensamento.

Neste sentido, deveriam ser criadas novas possibilidades que não o trabalho, ocupando o seu tempo livre disponível para exercer uma função social ativa nas relações em que participa. Assim, Garcia (2001, p. 114) defende que “O viver compartilhado tem o dom de afastar a inércia e quanto mais participativo mais aumenta as perspectivas de uma vida mais plena e mais diversificada”.

Entre as diversas atividades que o “melhor idoso” ou o “velho jovem” pode desenvolver, a viagem tem suas particularidades e tem se apresentado com uma relevante alternativa na percepção da sua qualidade de vida. A prática do turismo é um fator que pode contribuir para amenizar as patologias, especialmente psicológicas, típicas da idade. Além de afastar o temor em relação à morte e de colaborar para aceitação do avanço da idade como uma mudança natural.

Conforme Silva (2002, p. 63),

[...] a realização de viagens lhe fará compreender que o tempo cronológico não é proporcional ao tempo mental [...] nessa etapa de vida, o eixo da intenção em que as vivências subjetivas, memórias, fantasias e desejos são referidos como presente, passado e futuro, será sua forma de ação para encontrar a satisfação, e as viagens poderão ser o veículo facilitador dessa pulsão.

Ainda de acordo Silva (2002) e complementando com a discussão de Doll (2007), viajar ocupa o topo da lista de desejos dos idosos, fato que só perde espaço quando a preocupação em relação à saúde fica em evidência. Ressalta-se que este desejo não exclui a vulnerabilidade das condições de saúde do idoso.

Nesse sentido, o turismo, enquanto fenômeno social promoveria por meio das viagens o bem estar físico, mental e social, no qual deveriam estar envolvidos a família, o Estado e a sociedade como um todo.

Conforme Garcia (2001), este tipo de turista tem sonhos e se sente motivado a realizá-los, com base numa perspectiva de que ainda tem muito que viver, em oposição à idéia de proximidade com a morte. Viajar tem efeito integrativo e positivo para esta parcela da população, de ambos os sexos, e representa uma tentativa de que não se rompa sua rede de sociabilidade, comunicação e informação.

Da mesma forma, invertem-se os significados da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento, para tornar-se um período de atividade e

lazer. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também lhes proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada. É nesse contexto que surgem os grupos de convivência e as universidades para a terceira idade como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante entre os mais velhos (SOUZA; SOUZA, 2004, 792-793).

Ser turista para o idoso está atrelado aos novos signos do envelhecimento e da aposentadoria, é uma nova linguagem, oposta ao antigo tratamento de “velhos”. A prática do turismo para o idoso, além de colaborar em sua inserção social, dá uma nova dimensão ao tempo e abre novas possibilidades de realizações e de atualização cultural.

Vale ressaltar que o processo de envelhecimento é individual e heterogêneo, podendo variar de acordo com o histórico de vida. O que faz pensar que as transformações e as adaptações dos *trade* turístico devem ser baseadas na facilitação da inclusão e não na segregação do idoso, como um público uniforme, já que compartilham da mesma rede de serviços que outros turistas.

## **Resultados de Pesquisa**

Buscou-se organizar a discussão anterior, de modo a que ela orientasse a análise dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas com cinco idosos, selecionados aleatoriamente, que freqüentam grupos de convívio e que adotam as viagens entre suas opções de lazer.

A presente investigação apoiou-se em um roteiro que permitiu realizar entrevistas semi-estruturadas, que visava explorar a relação dos entrevistados com as atividades de lazer e, especialmente, com as viagens.

Procurou-se traçar um panorama geral de como é a rotina dos entrevistados atualmente, quais as atividades que desenvolve, além de procurar saber onde e de que maneira se dão as suas relações sociais, a partir do grupo de convívio que freqüentam e a representação das viagens em suas vidas.

O julgamento das informações sobre este tópico pautou-se, principalmente, nas reflexões propostas por Dumazedier (1994) e por Debert (1999) que apontam estes espaços de convivência como próprios para experimentar novas formas de viver coletivamente e de



serem altamente motivadores para a auto-expressão, sendo muitas vezes responsáveis por uma representação positiva da velhice.

Nota-se a curiosa a maneira como os entrevistados referem-se aos grupos de convívio: “Antes do meu marido morrer eu já freqüentava a ‘Terceira Idade’, mas eu não podia ir nas viagens, por que precisava cuidar dele que tava doente (Ágata)”. “A gente vai muito na ‘Terceira Idade’, o meu marido só vai se eu for, mas eu vou se ele for também (Esmeralda)”. “Eu sempre fui na ‘Terceira Idade’. Depois que fiquei viúva eu comecei a ir em mais grupos (Pérola)”. Então quando se referem ao grupo simplesmente como “Terceira Idade” fica claro que a expressão está atrelada a uma nova concepção de envelhecimento, assim como apontado por Debert (1998, p. 63)

As formas de pressão traduzem-se em formas de expressão. Na transformação do envelhecimento em problema social estão envolvidas novas definições da velhice e do envelhecimento, que ganham dimensão com a expressão “Terceira Idade”. Uma nova imagem do envelhecimento é constituída a partir de um trabalho de categorização e criação de um novo vocabulário que se opõe ao antigo no tratamento dos mais velhos: terceira idade x velhice [...]

A expressão “Terceira Idade” enquanto signo também é apontada por Pereira (2006, p. 24), quando coloca que “A discussão da pós-modernidade, que busca um termo livre da negatividade, da morte e da decadência humana, encontrou no termo “Terceira Idade”, uma forma de descrever a velhice desejada no século XX”.

Observa-se que os entrevistados encontraram nestes grupos uma maneira de reorganizar sua rotina, na medida em que fazem da programação do grupo suas obrigações, fato identificado nas cinco entrevistas:

*Eu participo de tudo que tem na Terceira Idade, na terça tem a reunião geral, que vai mais gente, mas eu vou também na quarta nas palestra da nutricionista, ela é uma graça, ensina um monte de coisa pra gente; na quinta tem a ginástica lá, a yoga; daí toda sexta tem a psicóloga que eu vou também; tem também as viagens, que quando não tem eu vou no outro grupo, junto com elas (Ágata).*

*Toda segunda, quarta e sexta eu vou no grupo da academia, faço a natação e hidro. Quarta e sexta tem a ginástica aqui com a professora do Liang Gong. Terça, quinta e sábado tem o grupo da caminhada (Pérola).*

*As reuniões são de sábado de manhã, com a coordenadora do grupo, também tem a dança na terça de tarde e na quinta a gente se encontra na igreja pra fazer a oração e combinar as coisas (Ônix).*

*Eu vou em tudo que dá pra ir, na ginástica, alongamento e tai chi, nas palestras, em tudo, desde que não atrapalhe lá em casa (Esmeralda).*

*Eu vou todo dia, cada dia tem uma coisa diferente, tem na terça e na quinta o artesanato e nas segunda, quarta e sexta tem ginástica. Eu já acordo e vou (Safira).*

Uma declaração interessante sobre a ampliação de sociabilidade proporcionada pelo grupo foi a de Ágata que ao sair das reuniões disse que se sente motivada a continuar atividades fora de casa e, geralmente, vai com as amigas do grupo, almoçar no shopping.

Assim como aconteceu na Europa, no Brasil o interesse e a concretização das viagens pelos idosos comumente são estimulados a partir da participação em grupos de convívio.

No final da vida elas tornam-se um modo de resistência ao envelhecimento; mudam a arte de viver de um número crescente de pessoas idosas: 87% dos clubes dessa idade de ouro organizam viagens coletivas. Entre 1/3 e a metade das pessoas declaram viajar mais do que antes da aposentadoria (DUMAZEDIER, 1994, p. 135)<sup>3</sup>

A viagem que aparece como um dos desejos mais iminentes da aposentadoria ocupa a preferência dos entrevistados, que já gostavam de viajar antes da aposentadoria, entretanto, a configuração das viagens era diferente, normalmente as viagens eram com a família, com frequência reduzida, respeitando especialmente o calendário escolar. Sendo que a segunda residência, casa de praia ou de campo, era a opção mais frequente, conforme as falas de Safira: *“Eu gosto mais das viagens agora. É mais divertido por que não tem filho, nem marido por perto”* e de Pérola: *“Eu me sinto livre. Eu sempre fui muito certinha [...]. Nas viagens com a Terceira Idade ninguém liga se você senta de perna aberta, se fala de boca cheia”*.

A partir da participação nos grupos de convívio houve a oportunidade de realização de viagens diferentes e com configurações alternativas ao que já se havia vivenciado até este momento da vida, conforme depoimentos de Pérola: *“Desde que fui na primeira excursão não parei mais”* e de Esmeralda: *“Eu fui primeiro porque minha comadre me convidou, mas fiquei meio assim... agora que eu já sei como é, eu já organizo com meu marido pra poder ir”*.

Um dos aspectos que chama a atenção no discurso dos entrevistados é o fato de não terem que se preocupar com a organização das viagens, uma vez que, geralmente, há um coordenador do grupo que se responsabiliza por estas questões.

Também foi mencionado o fato de poderem ter realizado viagens que nunca haviam imaginado fazer antes: *“Você imagina que eu já fui três vezes no cruzeiro [...], que coisa linda que é o navio, quando que eu ia fazer um cruzeiro antes”* (Ágata). *“Eu conheço tudo quanto é lugar, depois de*

---

<sup>3</sup> Pesquisa sobre clubes de aposentados, dirigidas por ATTIAS-DONFUT, C. com a colaboração de ROZENKIER, A. 1987 (texto mimeografado).

*aposentado é que eu fui conhecer a região norte, olha que eu já viajei por esse ‘Brasilzão’ afora, mas só depois de velho que fui pra Amazônia” (Ônix).*

Sobre a sociabilidade advinda das viagens, Ágata mencionou diversas vezes durante a entrevista que fez muitos amigos na “Terceira Idade” e que estas amizades foram reforçadas durante as viagens, pois:

*Quando a gente vai para fazer as atividades, tem muitas que chegam só para participar e logo depois voltam pra casa, num dá tempo da gente bater papo, se conhecer... Na viagem não, a gente fica tudo junto, o tempo todo conversa, aí dá pra conhecer melhor. Você veja só o seguinte, tinha uma delas lá que eu sempre via, ‘oi, oi’, mas nunca tinha conversado com ela e quando a gente foi lá pra Caldas Novas, a minha amiga que ia ficar comigo no quarto não pode ir e eu fiquei com essa daí. Eu fiquei meia assim, né, por que não conhecia, mas aí a gente foi conversando já daqui até lá. Menina, eu não fiquei amiga dela! Nossa ela é maior barato, né, como vocês dizem. A gente riu muito, se divertiu mesmo. Agora quando eu chego na ginástica que ela tá lá, a gente já fica perto. [...] Apresento sim, ela conhece minhas amigas e eu conheço as dela (Ágata).*

Esta liberdade e até esta intimidade, de fato, não acontece em todos os casos, ou até mesmo podem representar certo constrangimento, por que tal como em outras esferas da vida, cada um tem um histórico sócio-cultural e uma maneira de se comportar distinta. Estas diferenças podem se evidenciar durante os momentos de convívio na viagem:

*Eu realmente fiquei sem jeito, por que ela é sozinha, então não tem o hábito de fechar a porta quando vai ao banheiro. Bom, nos chegamos do passeio e ela entrou e sentou no vaso com a porta aberta. Eu não sabia o que fazer, mas depois até acostumei que ela não fechava a porta, e não ficava olhando. Mas quando eu ia no banheiro eu fechava a porta (Pérola)*

A entrevistada Ágata disse não ter problemas em dividir por um determinado tempo a vida com outras pessoas que não são da família, que tem facilidade de relacionamento, fala com todo mundo, porém prefere ficar com pessoas que já tem alguma intimidade. Ao mesmo tempo em que declara achar legal ficar com pessoas desconhecidas, pois assim conhece alguém novo.

Quando não há empecilhos, é provável que a amizade ultrapasse os limites dos grupos de convívio e das próprias viagens, sendo que além das viagens organizadas pelos grupos, passam também a fazer viagens com estes amigos para suas casas de praia ou de campo, como exposto por Esmeralda: “Ah, tem minhas amigas lá que meus filhos já conhecem por que elas tão sempre lá no sítio comigo”, por Ônix: “O pessoal do grupo já é uma família, todo mundo conhece a família de todo mundo” e complementado por Ágata:

*Eu vou lá pra casa da praia com elas, aí pedi pro meu filho ver as coisas da reforma, já fiz muita coisa lá, por que ninguém ia quase na casa e eu ia até vender, mas depois que comecei a ir com as colegas, vou até fazer uma piscina. É bom por*

*que a gente vai quando não tem ninguém na praia, não tá lotado, é muito gostoso (Ágata)*

A amizade ultrapassa os limites da viagem e do próprio lazer e passa também pelo campo da alteridade já que, com o afinamento do vínculo, também começam a tratar de outros assuntos como a saúde:

*Eu conheci ela numa viagem pra Florianópolis, conversamos tanto e descobri que ela também precisava de um aparelho que nem o meu pra ouvir melhor. Eu apresentei meu médico, onde eu fiz o meu aparelho auditivo e eu acompanhei ela durante todo tratamento, saí com ela pra ver os preços do aparelho [...] agora ela me agradece muito por que ta ouvindo melhor (Ágata)*

Salienta-se que para todos os entrevistados a viagem representa um momento de prazer. A viagem adquire significado de extrema importância para o idoso, pode representar a fuga da rotina e do isolamento ou até a concretização de um sonho, ruptura do cotidiano.

### **Considerações finais**

De acordo com os apontamentos desta pesquisa, os grupos de convívio representam um importante canal para a reflexão do envelhecimento e cumprem um papel especial no reposicionamento do olhar sobre a velhice, assim como dos estudos voltados para essa faixa etária. A partir da pesquisa realizada foi possível observar que, de fato, os idosos chegam aos sessenta anos, ou seja, à idade da aposentadoria, distantes da imagem de isolamento e de caducidade. Pelo contrário, os entrevistados demonstraram alcançar a aposentadoria justamente lutando para fugir desta imagem negativa, na qual deveriam ser portadores de males da velhice, carregando doenças físicas e psicológicas que os fizessem dependentes de cuidados de terceiros.

Uma das características que chama a atenção para esta nova configuração da velhice é a maneira como este grupo etário vem se organizando, de modo a manter uma rede de apoio social durante o processo de envelhecimento. Esta rede de apoio é formada por instituições nas quais se congregam um estilo de vida saudável e ativo, podendo se caracterizar também pelas redes de acolhimento dentro mesmo dos grupos, que se caracterizam pela sedimentação das relações de sociabilidade. Embora, tudo isso pareça positivo, questiona-se a periculosidade da ditadura da juventude a qualquer preço. Uma vez que a interpretação

inadequada deste estilo de vida saudável pode apresentar-se como negação da velhice, o que negligenciaria as fragilidades da idade.

Ao mesmo tempo, estas redes têm desempenhado um papel fundamental na compreensão e aceitação do envelhecimento, sobretudo por apontar possibilidades de continuidade da vida na velhice, permitindo o delineamento de projetos futuros, sendo que os principais representantes das redes de apoio social são os grupos de convívio.

A realização de viagens tem especial destaque nas preferências de lazer entre os entrevistados por suas características de desenvolvimento pessoal e cultural. Obviamente, o fato de este grupo ser financeiramente privilegiado lhes permite gozar sem maiores dificuldades econômicas de um número de viagens maior que o grosso da população brasileira.

Constatou-se que, embora já viajassem ao longo da vida, na aposentadoria as viagens passaram a ser mais desejada e desfrutada com mais satisfação. Destacando-se por assumir uma nova configuração, atribuída à liberdade e ao caráter desobrigado, por poderem preocupar-se com sua satisfação pessoal e não mais com a satisfação familiar, a qual nem sempre atendia os seus desejos, ainda que estes estivessem velados sob o pretexto de ver o grupo familiar contente.

Como conseqüência da realização de atividades de lazer e, principalmente, de atividades turísticas, destaca-se o reposicionamento social, já que os entrevistados fizeram declarações que permitiram perceber que o desenvolvimento destas atividades, contribuíram na ampliação do universo de suas amizades, fortaleceu estes vínculos, extrapolou a atividade em si, mobilizou-os no tocante a seus objetivos de vida, permitiu traçar planos, ainda que a curto prazo.

Os aspectos reveladores e satisfatórios das viagens não lhes conferem caráter mágico e não podem ser considerados como desejo unânime e/ou exclusivos entre os idosos, nem tampouco pode ser tratado como salutar para o envelhecimento saudável ou para concepção de qualidade de vida.

Os entrevistados comprovaram que a avaliação positiva ou negativa da velhice depende de um conjunto de fatores que envolvem sua saúde física, o bem estar de sua família,

a oportunidade de acesso a serviços e produtos, vinculados ao seu histórico sócio-econômico, conforme apontado na pesquisa bibliográfica.

À parte a consideração sobre a pesquisa propriamente dita registra-se na finalização deste trabalho a contribuição para o campo de conhecimento do turismo. No que tange aos aspectos objetivos e operacionais faz-se necessário atentar às particularidades do idoso, como as restrições de mobilidade e de saúde, para melhor atendê-lo sem, no entanto, parecer que se trata de um arranjo excludente. Quanto aos aspectos subjetivos do serviço, chama a atenção para a densidade do significado que o lazer e o turismo podem exercer na concepção de qualidade de vida do idoso que adquire este tipo de serviço.

## **Referências**

- ARAUJO, Cleida Maria Silva. *Entre sonhos e a realidade: um estudo sobre o turismo para a terceira idade com idosos residentes em Balneário Camboriú (SC)*. 119 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria)- Universidade Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2004.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.
- DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: 1999
- DIOGO, Maria José D'Elboux. Consulta de enfermagem em gerontologia. In: PAPALÉO NETTO, Matheus (Coord.). *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 1999.
- DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007.
- DUMAZEDIER, Joffre. *A Revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1994.
- FREIRE, Sueli Aparecida; RESENDE, Marineide Crossara. Sentido de vida e envelhecimento. NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- FROMER, Betty; VIEIRA, Débora Dutra. *Turismo e terceira idade*. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Aleph, 2003.

GARCIA, Maria Tereza Gonçalves. *Turismo na terceira idade: um mercado em potencial*. 2001. 281f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicações Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. *Tábuas completas de mortalidade – 2007*. 2008. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=1275](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1275). Acesso em: 16 jan. 2009.

KRIPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Plano de Ação Internacional para o envelhecimento*. Madri, 2002.

PAULI, Cibele Tombolato de Castilhos. *O lazer na terceira idade: um estudo de caso*. 2001. 143 f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Centro Universitário Ibero-Americano, São Paulo, 2001.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myrian Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEREIRA, Josianne Katherine. *As representações sociais de velhice e terceira idade: um estudo de caso sobre um “Grupo de Terceira Idade” de Caratinga/MG*. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade)- Centro Universitário de Caratinga, Caratinga, 2006.

SALGADO, Marcelo Antonio. *Velhice: uma nova questão social*. São Paulo: SESC, 1991.

SEADE. FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. *Índice de envelhecimento*. 2009. Disponível em:  
[http://www.seade.gov.br/master.php?opt=abr\\_not&nota=251](http://www.seade.gov.br/master.php?opt=abr_not&nota=251). Acesso em: 19 nov. 2009.

SILVA, Fátima Sueli de Souza e. *Turismo e psicologia no envelhecer*. São Paulo: Roca, 2002.

SOUZA, Heloísa Maria Rodrigues; SOUZA, Romeu Rodrigues. Expectativas de indivíduos da terceira idade em viagens de curta duração. In: BAHL, Miguel (Org.). *Turismo com responsabilidade Social*. Coletânea do XXIII CBTUR, Congresso Brasileiro de Turismo 2003, Recife, PE. São Paulo: Roca, 786-794, 2004.